



XVI Encontro Regional de Agroecologia do NORDESTE

**NORDESTE**

Na rota do Velho Chico: A Agroecologia e os Movimentos Sociais na luta contra as opressões no Campo e na Academia.

28 de Abril a 01 de Maio - CECA/ UFAL - Rio Largo - AL

## **SEMEANDO AGROECOLOGIA: CONTRIBUIÇÃO DOS NEAs PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO DENTRO E FORA DA UNIVERSIDADE.**

**Emely Christine Sulino de Melo<sup>1\*</sup>**

**Liara Silva Medeiros<sup>2\*</sup>**

**Valcilene Rodrigues da Silva<sup>3\*</sup>**

**Mônica Cox de Britto Pereira<sup>\*</sup>**

*Graduanda em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); emelychristinegeo@gmail.com<sup>1</sup>*

*Graduanda em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); liarasmedeiros@gmail.com<sup>2</sup>*

*Doutoranda em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); valcilener@gmail.com<sup>3</sup>*

*Professora do Departamento de Ciências Geográficas (UFPE); coxmonica@gmail.com<sup>4</sup>*

*\* Integrantes do Núcleo de Educação, Pesquisa e Práticas em Agroecologia e Geografia NEPPAG Ayni (UFPE) e da Rede Nordeste de Núcleos de Agroecologia (RENDA)*

**RESUMO** - O presente trabalho busca demonstrar as contribuições dos NEAs para promoção da agroecologia e formação dos(as) participantes. Nesse contexto, esses núcleos desenvolvem papel fundamental na quebra de paradigma dentro da Universidade, já que essa traz arraigada em todo o seu contexto histórico conceitos dogmáticos e ultrapassados. Portanto, a agroecologia surge como um contraponto a esse modelo hegemônico abrindo um debate, de forma interdisciplinar e multidisciplinar, para uma série de temas que se interligam em uma concepção mais ampla. É dessa forma que a construção do conhecimento agroecológico surge através de processos participativos que buscam a interação dos(das) estudantes, professores(as) e agricultores(as), dando espaço ao tripé ensino-pesquisa-extensão. O artigo foi feito com base nas diversas experiências de núcleos que propõem uma consciência coletiva da relação de convivência entre sociedade e natureza.

*Palavras-chave: Agroecologia, NEAS, Formação.*

**ABSTRACT** - The present study seeks to demonstrate, succinctly, NEAS' contributions to promotion of Agroecology and training of participants. In this context, these cores develop key role in breaking a paradigm shift within the University, since that brings all your deep-seated historical context, dogmatic concepts and overcome. Therefore, the Agroecology emerges as a counterpoint to this hegemonic model opening debate, interdisciplinary and multidisciplinary manner, to a series of issues that connect in your broader sense. This is how the construction of the ecological knowledge arises through participatory processes that seek the interaction of the students, teachers and farmers, giving space to the tripod teaching-research-extension. The article is made on the basis of the diverse experiences of cores they propose a collective consciousness of harmonious relationship between society and nature.

*Keywords: Agroecology, NEAS, Training.*



XVI Encontro Regional de Agroecologia do NORDESTE

## NORDESTE

Na rota do Velho Chico: A Agroecologia e os Movimentos Sociais na luta contra as opressões no Campo e na Academia.

28 de Abril a 01 de Maio - CECAV/UFAL - Rio Largo - AL

### Introdução

Nos últimos anos, as pesquisas em agroecologia vem se fortalecendo e desempenhando papel fundamental nos diversos espaços na sociedade. Porém, construir o conhecimento agroecológico dentro da academia, ainda passa por muitos obstáculos, visto que, o paradigma tradicional científico na qual a universidade está inserida, trás consigo uma concepção de conhecimento baseada em uma formação disciplinar e exclusivamente técnica. Neste sentido, a agroecologia surge como um tema integrador do conhecimento científico com o conhecimento popular, a partir da valorização das experiências dos diversos povos que, por meio de suas práticas perpetuam essa atividade.

Ademais, como ciência integradora a Agroecologia reconhece e se nutre dos saberes, conhecimentos e experiências dos agricultores(as), dos povos indígenas, dos povos da floresta, dos pescadores(as), das comunidades quilombolas, bem como dos demais atores sociais envolvidos em processos de desenvolvimento rural, incorporando o potencial endógeno, isto é, presente no 'local' (CAPORAL, 2006).

Entendemos *Agroecologia*, como um paradigma emergente, que se constrói no processo de confronto com o paradigma dominante em nossa sociedade ocidental, cartesiana, reducionista, tecnicista e com base em uma concepção de ciência neutra (Pereira, 2016).

Neste sentido, criar um espaço alternativo de formação dentro da universidade é um desafio. A formação de técnicos e acadêmicos despertados para o trabalho interdisciplinar, com consciência crítica, atentos para a complexidade a qual atravessamos em nossa sociedade é ressaltado como chave por Pereira (2016). Dessa forma por meio de um processo de promoção da importância de políticas públicas para apoiar a criação de Núcleos de Agroecologia e Produção Orgânica (NEA),

consideramos essencial os núcleos na ocupação de espaços como o da universidade. O MDA com Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) construíram chamadas para apoiar projetos dos NEAs. Estes são centros de referência para o desenvolvimento rural, fomentados por conhecimentos, princípios e práticas da agroecologia criadas por meio de ações de ensino, pesquisa e extensão.

O presente trabalho tem por objetivo evidenciar as experiências dos NEAs no processo de construção do conhecimento agroecológico dentro e fora da academia. Para isso, as autoras tomaram como base o debate de alguns Encontros de Núcleos de Agroecologia do Nordeste promovidos pela Rede Nordeste de Núcleos de Agroecologia (RENDA - NE) de 2015 a 2016.

### Experimental

#### *Construção do Conhecimento Agroecológico: desafios e possibilidades*

De acordo com Caporal (2013) os processos de construção do conhecimento apresentam características diferentes segundo o momento histórico da humanidade. Assim, cada época encerra um leque de valores culturais e exigências sociais que determina formas variadas de relacionamento com a natureza, o que sempre garantiu a diversidade. No entanto, a ciência moderna adotou uma lógica de descontextualizar, de simplificar e de estreitar o conhecimento. No campo agrícola, o ensino, a pesquisa e a extensão foram enquadrados nessa lógica, gerando processos de construção do conhecimento *para* e não *com* o outro. Assim, a tarefa dos agentes de desenvolvimento rural passou a ser difundir e transferir conhecimentos e tecnologias supostamente neutros, para que fossem adotados por aqueles que, em tese, não detinham os conhecimentos necessários.

Paulo Petersen (2007) afirma que no Brasil tais transformações começaram a partir da década de 1960 e foram promovidas pelo Estado por meio de um amplo e integrado conjunto de políticas indutoras e instrumentos de regulação social. Coube às instituições oficiais de ensino, pesquisa e extensão rural um papel preponderante nesse processo. Condiçionadas pela ideologia do progresso, elas foram peças-chave da legitimação desse conhecimento reducionista perante a sociedade e foram também responsáveis pela formação de corações e mentes de profissionais que atuaram para colocar em marcha a estratégia modernizadora junto às comunidades rurais (PETERSEN, 2007).

O autor coloca que no polo oposto dessa visão a Agroecologia se desenvolveu como ciência, a partir da constatação da existência de sofisticadas racionalidades ecológicas em agriculturas camponesas. Assim como nos sistemas agrícolas tradicionais, a Agroecologia aproveita os recursos da natureza localmente disponíveis para desenvolver agriculturas que assegurem produções estáveis e satisfatórias para atender às necessidades econômicas das famílias agricultoras e que ao mesmo tempo possuam elevada capacidade de se auto-reproduzir técnica, cultural e ecologicamente. No enfoque agroecológico, essas agriculturas são apreendidas como a expressão de estratégias coletivas de produção econômica e de reprodução sociocultural. São, portanto, o produto do exercício da inteligência criativa de populações rurais na construção de melhores ajustes entre seus meios de vida e os ecossistemas e não uma manifestação de um atraso cultural a ser superado (PETERSEN, 2007).

Dialogando com os autores supracitados colocamos a fala do extensionista e indígena do povo Xucuru durante encontro de agroecologia no Agreste Pernambucano quando ressalta que a agroecologia é importante não somente para o povo Xucuru, mas para outros povos e comunidades tradicionais que estão na militância da agroecologia. Para ele agroecologia é um movimento social e político, que questiona na prática toda essa forma de fazer agricultura que é completamente contrária a princípios e valores que

orientam e fundamentam os modos de vida dos povos que se encontram hoje no mundo rural, os povos das florestas, os povos da terra.

O povo Xucuru enxerga a agricultura enquanto modo de vida, expressão cultural de um povo, que é elemento de identidade, mas é também, não só a produção de plantar, do colher e do comer, bem como todos os saberes que estão associados e aliados a estas práticas, que é luta e é resistência. Os povos indígenas e povos quilombolas e os povos e comunidades tradicionais têm na agricultura uma forma de se relacionar com a natureza. E a agroecologia, enquanto movimento social e político tem como objetivo juntar esses saberes, essas comunidades, suas práticas e principalmente, os conhecimentos (IRAN, Povo Xucuru, 2016).

Diante do exposto, nota-se que a abertura da universidade para o diálogo com outros saberes é de extrema importância para a construção do conhecimento agroecológico. Uma construção de conhecimento que não se prive à metodologia científica cartesiana que se preocupe em certificar, validar, pois ao considerar outros saberes estamos construindo outra ciência ou outras ciências. Ciências que bebem das fontes da espiritualidade, da religiosidade, de uma relação íntima com a natureza e que são válidas porque resolvem os problemas dessas comunidades.

Como se expressava a professora Mônica Cox (2016) durante abertura de Encontro de Agroecologia (Garanhuns/PE), ressaltando que é necessário uma reflexão profunda sobre a pergunta:

“Que Universidade, que Instituto Federal queremos? Queremos uma universidade que cumpra o seu papel de dialogar com a sociedade. Queremos uma universidade voltada para a sociedade, uma universidade de encontro de conhecimentos. Não existe um só conhecimento, assim, é importante ter a universidade dialogando com os povos, professores e estudantes. Essa é na verdade a construção de conhecimento.”

Levanta outra questão para reflexão:

“Como se faz a construção do conhecimento agroecológico na universidade atualmente? Primeiro, é uma disputa. Não basta dizer o que é agroecologia. É necessário disputar qual a agroecologia estamos querendo. Essa construção está referenciada em projeto que já existe que é diferente do convencional, mas está em disputa. É um projeto que já estamos envolvidos, mas que queremos ampliar. Porque é importante apoiar a agroecologia? Porque esse conhecimento é relevante. Temos clareza que não podemos deixar isso de lado.” (Mônica Cox, 2016)

Foi também levantado para reflexão: Qual o papel dos núcleos? Dos povos? Qual o papel de cada organização frente a isso? É preciso ousadia, precisamos reconhecer nossas colheitas, conquistas, nossos conhecimentos e a partir disso a gente precisa descolonizar. Estamos muitas vezes dentro de um formato, como se a gente estivesse fora de um padrão. Vamos descolonizar esse formato, das universidades, dos institutos federais e das organizações.

Como a gente avança? Como a gente constrói? Precisamos deixar florescer a nossa própria natureza, aprender nesse diálogo com os enraizados. A gente vem se desenraizando dos conhecimentos que queremos e que fazem sentido pra vida. É um desafio responder à estas questões de forma prática e efetivas, mas também é uma oportunidade de nos reinventarmos. Os Núcleos de Agroecologia estão refletindo, resistindo e se reinventando dentro e fora dos portões da universidade, tornando sua existência possível. Temos clareza que o agronegócio tem ideologia. Uma monocultura que devasta vegetação, sabedoria milenar. Então, pra mudar isso, precisamos descolonizar nossas mentes, diversificar, agroecologia e caminhar juntos.

Dessa forma, entende-se que os núcleos de agroecologia são fundamentais na criação de novas metodologias participativas que inclui o diálogo de saberes, caravanas agroecológicas, intercâmbio de experiências, estágio de vivência, mutirões e outras ações que buscam a valorização e fortalecimento das experiências desenvolvidas no âmbito da agroecologia e da construção do conhecimento. Portanto, essas novas formas de aprendizagem abrem caminho para quebra de

paradigmas dentro do ambiente universitário, visto que, tais núcleos, envolvem pessoas que participam direta ou indiretamente das experiências agroecológicas no campo e na cidade. Isto permite, a promoção de uma formação de estudantes de graduação, pós-graduação, profissionais e agricultores(as) através da união do saber prático e teórico.

Este segmento trata-se da relação de ciência mais democrática proposta por Capra (1982), na qual estrutura a criação de um novo paradigma que leve em consideração os conhecimentos populares e científicos. Igualmente, Gliessman (2005) considera que a agroecologia permite a criação de conhecimentos e metodologias que permitem o desenvolvimento de novos paradigmas de agricultura.

## ***Resultados e Discussão***

### *Contexto dos Núcleos de Agroecologia do Nordeste*

Atualmente, são cerca de 40 núcleos espalhados pelas Universidades e Institutos Federais nos nove estados que compõe a região Nordeste. Muitos deles têm sua criação antecedente à editais, porém se fortalecem com as chamadas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) nos últimos anos. Além disso, muitos dos núcleos de agroecologia estão articulados em rede, seja no âmbito das redes estaduais de agroecologia, Associação brasileira de Agroecologia, Articulação nacional de agroecologia ou redes de núcleos de agroecologia como a RENDA, que nasceu da articulação e diálogo entre vários professores(as) e coordenadores(as) de núcleos da região.

Dessa forma, a partir do projeto apoiado pela chamada CNPq/MDA 39/2014 a Rede Nordeste de Núcleos de Agroecologia passou a dialogar com os movimentos sociais, organizações da sociedade civil, instituições de ensino superior, institutos federais, instituições de pesquisa, escolas técnicas, organizações de extensão e agricultores(as)

(SILVA,2016). O nome da rede "RENDA" tem sentido simbólico, a renda como arte, como expressão da zona rural do Nordeste, assim como o processo de construção com conexão, beleza e expressividade de detalhes que representa o todo a partir dos muitos nós que se estabelecem em interações e processos humanos complexos e delicados (Renda, 2014). Ela surge como forma de articular e fortalecer as diversas experiências dos núcleos de agroecologia do Nordeste como indica a lista abaixo.

### NEAS E ESTADOS PRESENTES NO I SEMINÁRIO PERNAMBUCANO DA RENDA

NEA TRILHAS (BA)

TRAMAS - REAJA - Meio Ambiente, Trabalho e Saude (CE)

NEEPA - Núcleo de Estudos, Experiências e Pesquisa em Agroecologia (CE)

NERA - Núcleo de Extensão Rural Agroecológica (PB)

NEPPAG Ayni - Núcleo de Educação, Pesquisa e Práticas em Agroecologia e Geografia (PE)

NAC - Núcleo de Agroecologia e Campesinato (PE)

NEADS IF BARREIROS - Núcleo de Estudos em Agroecologia (PE)

NEPPAS- Núcleo de estudos, pesquisas e práticas agroecológicas no semiárido (PE)

Núcleo AGROFAMILIAR (PE)

NUPEFEC - Núcleo de Pesquisa, Extensão e Formação em Educação do Campo (PE)

Núcleo de Agroecologia da Embrapa Tabuleiro Costeiro (SE)

NEVA - Espaço de vivência agroecológica(S E)

NEA IF São Cristovão (SE)

A partir do diálogo com os núcleos acima mencionados, nota-se que as experiências dos NEAs ultrapassam os muros da universidade, rompendo com as concepções homogeneizadoras da ciência moderna. Por exemplo, o Núcleo de Agroecologia do IF São Cristovão/SE desenvolve projetos de pesquisa e extensão que permite a possibilidade dos(as) estudantes trabalharem junto às comunidades e perceberem a realidade dos povos do campo, comunidades tradicionais, através das vivências nas unidades familiares. Além desses projetos, o referido núcleo vem desenvolvendo parceria com outros núcleos, redes e com a Embrapa.



Figura 1 - Reunião dos Núcleos de Agroecologia do Nordeste  
Arquivo pessoal, 2016

Neste mesmo sentido, o Núcleo de Educação, Pesquisa e Práticas em Agroecologia (NEPPAG - Ayni), com sede em Recife, vem visando a promoção da agroecologia dentro do ambiente universitário em diálogo com a sociedade, a partir do tripé ensino, pesquisa e extensão. As atividades desenvolvidas pelo núcleo garante uma formação integral dos estudantes da Graduação e Pós

graduação através desse diálogo de saberes entre universidade e comunidades no campo.

Essa construção conjunta do conhecimento também é percebida, durante o encontro, na fala dos representantes do Núcleo de Agroecologia e Campesinato (NAC), que vem trabalhando com extensão rural, projetos de pesquisa e ensino de graduação na Universidade Federal Rural de Pernambuco.

As metodologias participativas também são contribuições importantes dos núcleos de agroecologia para a construção do conhecimento. No caso do Núcleo de Estudos, Experiências e Pesquisa em Agroecologia (NEEPA) que vem desenvolvendo a metodologia da sistematização de experiências, o núcleo afirma que esta promove o diálogo de saberes entre diferentes sujeitos, no caso marisqueiras, pescadores/as, técnicos/as, estudantes e professores/as que integram o núcleo. Neste sentido, o Núcleo de Estudos em Agroecologia do IF Barreiros (NEADS) destaca que o núcleo é um “tradutor” do meio acadêmico para o(a) agricultor(a) e vice versa. A sistematização é fundamental para divulgar e compartilhar com outros núcleos as experiências e atividades desenvolvidas. É dessa forma que o processo de sistematização é um dos horizontes do núcleo.

Da mesma forma, o Núcleo de Pesquisa, Extensão e Formação em Educação do Campo (NUPEFEC) vem trabalhando com tecnologias apropriadas ou adaptadas às práticas e saberes dos(as) agricultores(as), visando o aumento da produtividade e da autonomia dos mesmos. O Núcleo afirma que vê nos agricultores e agricultoras a fonte do conhecimento e nos jovens a possibilidade de ampliar as ideias. Com a extensão, a teoria e a prática se complementam para criar conhecimentos novos. "A partir da implementação dessas tecnologias, estamos indo além do discurso e indo para prática" (Eleno - NEASF).

No entanto, como ilustrado na seção anterior, a construção da agroecologia é pautada num jogo de disputa e resistência dentro e fora da universidade. Vários obstáculos são encontrados para continuidade da construção do conhecimento

agroecológico, por exemplo, o NEA TRILHAS estava fixado em uma estação experimental da Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA), na qual, tinham um longo histórico de experiência e de trabalho com a agricultura familiar na Bahia, até a empresa ser extinta e o núcleo ficar sem sede. Porém, através de uma luta política e administrativa, conseguiram transferir a sede do Núcleo para a Universidade Estadual da Feira de Santana-BA e hoje estão retomando as atividades de extensão nas comunidades.

Portanto, nota-se muitas dificuldades no que se refere ao reconhecimento da agroecologia enquanto ciência, assim como movimento e prática e sua importância para a autonomia produtiva e alimentar da sociedade.

### *Conclusões*

A partir do que foi apresentado, destaca-se a relevância dos NEAs na formação dos(as) participantes através dessas experiências de construção de conhecimento em agroecologia desenvolvidas pela união da teoria e prática. Essa construção nos mostra o quanto é desafiador o desenvolvimento de princípios libertários que permitam uma formação diferente da hegemônica e tradicional. Portanto, os grupos de estudos, eventos, debates, pesquisas, intercâmbios, visitas de campos são fundamentais para apoiar esse processo de aproximação e visibilização da agroecologia na sociedade.

### *Agradecimentos*

Agradecemos aos companheiros e companheiras que participam do Núcleo de Educação, Pesquisa e Práticas em Agroecologia e Geografia (NEPPAG Ayni) e da Rede Nordeste de Núcleos de Agroecologia (RENDA) que contribuíram e incentivaram a formulação deste trabalho.

### *Referências*

CAPORAL, Francisco; CONSTABEBER, José; Gêrvasio, PAULUS. **Agroecologia: matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável**. Brasília, 2006.

CAPORAL, Francisco. **Aprendendo, fazendo, conhecendo.** Revista Agriculturas: experiências em agroecologia. v.10, n.3, 2013.

CAPRA, Fritof. **O ponto de mutação.** 1ªed. São Paul. Editora Cultrix, 1982.

GLIESSMAN, Stephen R. **Agroecologia: Processos ecológicos em agricultura sustentável.** 3 a Ed. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2008.

PEREIRA, Mônica Cox de Brito. Agroecologia na formação universitária: da ecologia à Agroecologia e do ecossistema ao agroecossistema. Cadernos de Agroecologia v. 11, n. 1 (2016) 1-14p.

PEREIRA, Mônica Cox de Brito. IV Encontro de Agroecologia do Agreste Meridional. 2016.

PETERSEN, Paulo. **Construção do Conhecimento Agroecológico: Novos Papéis, Novas Identidades.** Caderno do II Encontro Nacional de Agroecologia. Articulação Nacional de Agroecologia, 2007.

RENDA. Rede Nordeste de Núcleos de Agroecologia. Projeto enviado para Chamada R-Neas 39/2014 Cnpq/MDA.

SILVA, Uschi Cristina et. al. **Tecendo a RENDA no Nordeste a partir da Comunicação Popular.** Texto apresentado no II SNEA, 2016.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. Definições de NEA e CVT Disponível em <resultado.cnpq.br/0249924124281190>. Acesso em 28 de mar. 2017